








Brincar em hospitais: um estudo de revisão

Playing in hospitals: a review study
Jugar en hospitales: un estudio de revisión

Júlio César Rodrigues 
Fundação Educacional de Penápolis, Penápolis, São Paulo, Brasil. 
julio.rodriques@funepe.edu.br

Elaine Prodócimo 
Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil. 
elaineef@unicamp.br

10.31668/praxia.v6i0.14976 

Resumo: Este é um estudo de revisão integrativa que teve como objetivo verificar o que foi produzido acerca do brincar em hospitais entre os anos de 2012 e 2022. Foi utilizado a base de dados do Portal Regional da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), uma plataforma de alto alcance de pesquisas científicas na área da saúde, com a qual a brinquedoteca hospitalar possui proximidade. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, restando, assim, 8 (oito) artigos selecionados para leitura e análise. Os achados mostraram que o brincar pode contribuir na diminuição das dores, medos, angustias e, ao mesmo tempo, se configura como um enorme potencial de humanização no contexto hospitalar. Assim, é de grande importância expandir o olhar para as mais diversas formas de brincar que ocorrem nos hospitais, encarando-o como componente do processo de tratamento das crianças hospitalizadas.

Abstract: This is an integrative review study that aimed to verify what was produced about playing in hospitals between the years 2012 and 2022. The database of the Regional Portal of the Virtual Health Library (VHL), a platform for high scope of scientific research in the health area, with which the hospital toy library is close. After applying the inclusion and exclusion criteria, 8 (eight) articles remained selected for reading and analysis. The findings showed that playing can contribute to reducing pain, fear, and anguish and, at the same time, has enormous potential for humanization in the hospital context. Therefore, it is of great importance to expand our view of the most diverse forms of play that occur in hospitals, viewing it as a component of the treatment process for hospitalized children.

Resumen: Se trata de un estudio de revisión integradora que tuvo como objetivo verificar lo producido sobre el juego en hospitales entre los años 2012 y 2022. Se utilizó la base de datos del Portal Regional de la Biblioteca Virtual en Salud (BVS), plataforma de investigación científica de alto alcance en la salud. zona, con la que se encuentra próxima la ludoteca del hospital. Después de aplicar los criterios de inclusión y exclusión, quedaron seleccionados 8 (ocho) artículos para lectura y análisis. Los hallazgos mostraron que el juego puede contribuir a reducir el dolor, el miedo y la angustia y, al mismo tiempo, tiene un enorme potencial de humanización en el contexto hospitalario. Por lo tanto, es de gran importancia ampliar nuestra visión sobre las más diversas formas de juego que ocurren en los hospitales, considerándolo como un componente del proceso de tratamiento de los niños hospitalizados.

Palavras-chave:
Criança hospitalizada.
Hospital geral.
Hospitalização.

Keywords:
Child hospitalized.
Hospital general.
Hospitalization.

Palabras clave:
Niño hospitalizado.
Hospital general.
Hospitalización.



Introdução

Importante destacar, desde já, que esta pesquisa compõe o texto final da tese de doutorado de Rodrigues (2023), que buscou investigar as nuances acerca do brincar em hospitais.

O ato de brincar em si possibilita o desenvolvimento de aptidões físicas, mentais e emocionais de uma criança. Especialmente brincadeiras que acontecem em momentos livres e escolhidas de maneira autônoma pela criança, ao mesmo tempo que promovem experiências que serão vividas por ela, também contribuem na formação de uma personalidade íntegra, de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (Brasil, 2010).

A criança se desafia constantemente e, na medida que aumenta seu repertório no domínio de determinados movimentos específicos do corpo, imediatamente aumentam os desafios a cada aprendizagem conquistada. Não há limites para sequência de desafios, o processo de busca e conhecimento é um desafio interno que acontece a todo momento. Contudo, esse panorama é esquecido, ou por vezes negligenciado, quando a criança se encontra na condição de hospitalizada (Rodrigues, 2016).

Internada, a criança encontra-se submissa a especialistas e ao saber clínico e médico, o que faz parecer estar em cárcere de uma determinada enfermidade causadora dessa experiência hospitalar, perdendo a autonomia sobre seu próprio corpo, deixando-se ser alvo de diversos tratamentos (Invernizzi; Vaz, 2008).

Para amenizar essa realidade, e atendendo a exigência da Lei Federal nº11.104/2005, são ofertados os espaços denominados de “brinquedoteca hospitalar” (BH). O art. 1º da mencionada legislação estipula que: “Os hospitais que ofereçam atendimento pediátrico contarão, obrigatoriamente, com brinquedotecas nas suas dependências”. Logo, os espaços da BH devem estar situados em todos os hospitais que possuem atendimento pediátrico sob regime de internação, reconhecendo o brincar como direito de crianças em situação de internação.

Segundo Teixeira (2018), a presença de espaços e tempos do brincar em hospitais surgiu no início do século XX, quando uma professora do jardim de infância, Barbi Luther, organizou pela primeira vez atividades de cunho recreativo para as crianças que estavam internadas em um hospital de Helsinque, Finlândia. Posteriormente, Ivonny Lindquis saiu em defesa da manutenção destes espaços para o desenvolvimento de atividades lúdicas para as crianças que estavam hospitalizadas.

Essa atitude resultou na expansão de atividades lúdicas em hospitais a partir da década de 1950. Os profissionais apontaram que essas atividades estariam promovendo uma melhor reeducação funcional, já que os primeiros debates sobre a

possibilidade de existir algo que se aproximava de uma BH foram acerca da reabilitação e integração de crianças com deficiências motoras. Assim, identificaram que o jogo funcionaria também como uma possibilidade de tratamento, sobretudo para as crianças com enfermidade motora cerebral.

No Brasil, as primeiras atitudes relativas à presença de BHs surgiram a partir da implantação da “Sala de Brinquedos”, em meados da década de 1950, na Sessão de Higiene Mental da Clínica Pediátrica do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), localizada na cidade de São Paulo. O ambiente tinha como finalidade o acolhimento, a observação psicopedagógica e a ludoterapia (Pérez-Ramos, 2006; Teixeira, 2018).

Considerando o exposto pelo artigo 2º, da Lei Federal nº11.104/2005, “considera-se brinquedoteca, para os efeitos desta Lei, o espaço provido de brinquedos e jogos educativos, destinado a estimular as crianças e seus acompanhantes a brincar”. Veremos que os espaços da BH funcionam também como um local frequentado pelas crianças e que descaracteriza o entendimento do ambiente hospitalar, usualmente visto como “pesado”. Trata-se então de um local convidativo para as crianças que estão internadas, pois acaba sendo um ambiente acolhedor em que podem vivenciar brincadeiras, jogos e outras atividades lúdicas (Farias *et. al.*, 2017).

Assim, o presente estudo tem por objetivo geral: verificar o que foi produzido em termos de produção científica a respeito do brincar em hospitais. E, objetivo específico: discutir as possibilidades do desenvolvimento dos conteúdos da educação física enquanto disciplina curricular no contexto hospitalar.

Nesse sentido, a fim de conhecer o que foi produzido a respeito do brincar em hospitais, realizamos, em um primeiro momento, uma revisão integrativa entre os anos de 2012 e 2022. Segundo Ganong (1987), estudos de revisão integrativa têm como finalidade contribuir para o processo de sistematização e análise de resultados de estudos realizados a fim de compreender um tema específico.

Em seguida, de posse do material investigado, foram discutidas as práticas pedagógicas em educação física no contexto da classe hospitalar, tendo em vista as suas possibilidades e proximidades com o brincar a partir da cultura corporal de movimento como forma de sistematização e desenvolvimento dos conteúdos curriculares da educação física com crianças hospitalizadas.

Resultados e discussão

Levamos em consideração que a revisão integrativa emerge como uma metodologia que proporciona a síntese do conhecimento e a incorporação da aplicabilidade de resultados de estudos significativos na prática, envolvendo, a

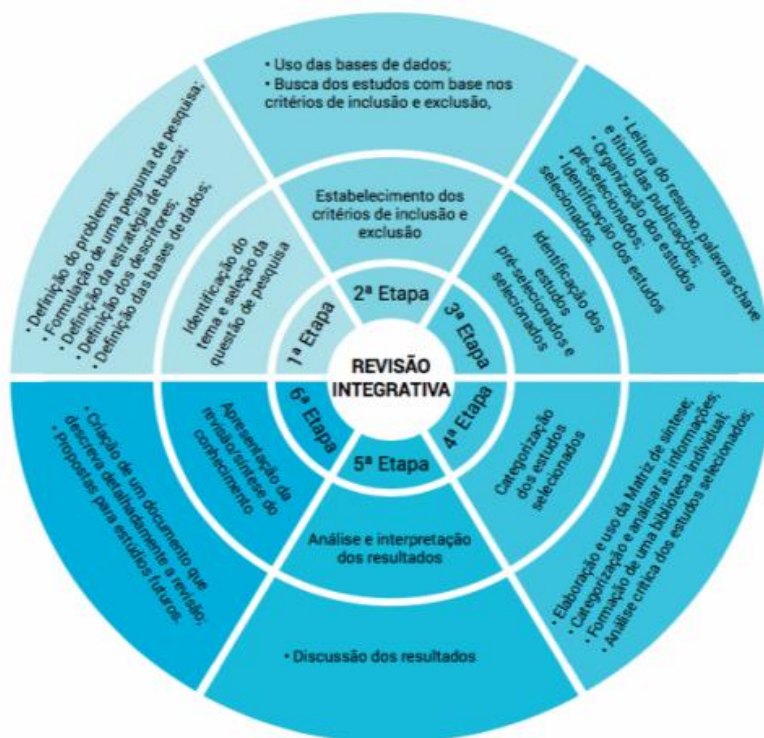


definição do problema clínico, a identificação das informações necessárias, a condução da busca de estudos na literatura e sua avaliação crítica, a identificação da aplicabilidade dos dados oriundos das publicações e a determinação de sua utilização para o paciente (Souza; Silva; Carvalho, 2010)

Logo, estudos de revisão integrativa trazem a síntese e análise do conhecimento já produzido sobre um tema específico. Segundo Botelho, Cunha, Macedo (2011, p. 133)

[...] constata-se que a revisão integrativa da literatura permite ao pesquisador aproximar-se da problemática que deseja apreciar, traçando um panorama sobre a sua produção científica, de forma a que possa conhecer a evolução do tema ao longo do tempo.

Para tanto, foram considerados os caminhos da revisão integrativa delineados por Botelho, Cunha e Macedo (2011, p. 129):



Fonte: “O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais de Botelho, L. L. R.” (Botelho, Cunha, Macedo, 2011)

Segundo a proposta da revisão integrativa, inicialmente foi realizada a definição do tema e formulação da pergunta norteadora da pesquisa, que no caso culminou da seguinte forma: como vem sendo tratado nas produções científicas o brincar no contexto hospitalar?

A fim de responder tal questionamento, consultamos a base de dados do Portal Regional da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), uma plataforma de alto alcance de pesquisas científicas na área da saúde, com a qual a BH possui proximidade. Foram utilizadas as combinações dos seguintes descritores: brincar no hospital e BH. Estes foram escolhidos por serem nomenclaturas utilizadas para se referir à temática do estudo.

E, na busca pelos artigos mais recentes, foram considerados os achados dos últimos 10 anos (2012-2022). Assim, os critérios de inclusão dos trabalhos obtidos foram:

- a) artigos publicados em português entre 2012 e 2022;
- b) a presença dos descritores nos títulos, palavras-chave e/ou resumos;
- c) texto publicado na íntegra;
- d) estar com seu acesso disponível.

E os critérios de exclusão:

- a) estudos que tratam as questões do movimento/lúdico, mas que não abordam diretamente o brincar na perspectiva da criança hospitalizada;
- b) estudos que tratam do movimento/lúdico na perspectiva da família e dos profissionais da saúde.

Em seguida, os resumos dos estudos pré-selecionados que preenchiam os critérios de inclusão estabelecidos na etapa anterior foram analisados com a finalidade de verificar se cada um deles tratava da temática proposta. Procedemos análise dos estudos encontrados e, por fim, realizamos a síntese do conhecimento obtido sobre a temática da pesquisa.

Inicialmente, foram identificados 81 (oitenta e um) estudos. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, 28 (vinte e oito) foram selecionados através dos títulos para avaliação dos resumos. Desse número, 15 (quinze) foram excluídos após a leitura dos resumos, por não tratarem da temática a ser investigada, e outros 5 (cinco) foram excluídos após a leitura do texto na íntegra, uma vez que a leitura do resumo não foi suficiente para identificar a temática abordada na pesquisa. Restaram, então, 8 (oito) artigos selecionados para leitura e análise. Importante destacar que as revistas são vinculadas às áreas da enfermagem (5), saúde pública (1), terapia ocupacional (1) e psicologia (1).

Os resultados apontam para um número baixo de produções científicas relativas ao tema, o que pode resultar em lacunas no que diz respeito à compreensão

do brincar no contexto hospitalar. O Quadro 1 apresenta os estudos incluídos na revisão contendo o título da pesquisa, autores/ano de publicação, objetivos e método.

Quadro 1: Publicações referentes à temática - O brincar no contexto hospitalar.

| Local de publicação | Título da pesquisa | Autor/Ano de publicação | Objetivos | Método |
|---|---|---|---|--|
| REME - Revista Mineira de Enfermagem | A experiência de crianças com câncer no processo de hospitalização e no brincar | Dias <i>et al.</i> (2013) | Identificar o conhecimento da criança com câncer sobre sua hospitalização e a utilização do brincar em uma unidade de internamento | Utilização de entrevista, diário de campo |
| Boletim - Academia Paulista de Psicologia | O brincar como instrumento de resgate do cotidiano da criança hospitalizada | Lopes, Oliveira Júnior, Oliveira (2015) | Analisar o cotidiano e o funcionamento de uma brinquedoteca em hospital pediátrico de uma cidade de médio porte do Paraná frente a possíveis relações de poder existentes no ambiente hospitalar em questão | Observação de campo, a realização de entrevistas a análise documental |
| Revista brasileira de Enfermagem | O resgate do prazer de brincar da criança com câncer no espaço hospitalar | Silva, Cabral (2015) | Dimensionar os espaços e as pessoas que atuam no brincar das crianças com câncer em tratamento ambulatorial | Método criativo e sensível: discussão de grupo, observação participante e dinâmica de criatividade e sensibilidade |
| Gerais: Revista de Saúde Pública do SUS/MG | Promoção do Brincar: Ação de Gestão Estratégica no Enfrentamento da Hospitalização Infantil | Alves <i>et al.</i> (2016) | Descrever os principais benefícios da promoção do brincar para a recuperação da criança hospitalizada e as principais ações de gestão estratégica para sua efetividade | Revisão integrativa |
| Avances em Enfermeria | O melhor da hospitalização: contribuições | Sposito <i>et al.</i> (2018) | Compreender o brincar como estratégia para | Utilização de entrevista |

| | | | | |
|--|--|------------------------------|---|--------------------------|
| | do brincar para o enfrentamento da quimioterapia | | enfrentamento do tratamento quimioterápico em crianças | |
| RENE - Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste | Experiência existencial de crianças em tratamento quimioterápico sobre a importância do brincar | Morais <i>et al.</i> (2018) | Compreender a experiência existencial de crianças em tratamento quimioterápico sobre a importância do brincar | Utilização de entrevista |
| Escola Anna Nery (Revista de Enfermagem) | Percepção da criança hospitalizada acerca do brinquedo terapêutico instrucional na terapia intravenosa | Coelho <i>et al.</i> (2021) | Analisar a percepção da criança hospitalizada quanto ao uso do brinquedo terapêutico instrucional no preparo para a terapia intravenosa | Utilização de entrevista |
| Revista Interinstit. Brasileira de Terapia Ocupacional. | A perspectiva de crianças e adolescentes sobre brincar durante a hospitalização | Leôncio <i>et al.</i> (2022) | Compreender a perspectiva da criança e do adolescente sobre o brincar no período de hospitalização | Utilização de entrevista |

Fonte: Elaboração dos(as) autores(as).

As crianças que se encontram hospitalizadas sofrem diversas alterações em relação à sua rotina, que habitualmente é repleta de atividades e compromissos sociais, tais como a escola, brincadeiras nos parques, praças, ou até mesmo em casa. Uma vez internada, essa rotina quase sempre desaparece e é substituída pela rotina hospitalar, que remete aos diversos procedimentos clínicos.

Pensando então sobre o brincar em hospitais como forma de aliviar essa “nova” rotina que a criança hospitalizada passaria a vivenciar, temos o estudo de Coelho *et al.* (2021). Este objetivou verificar a percepção das crianças acerca da terapia intravenosa a partir da utilização de um brinquedo. A intervenção com o brinquedo foi realizada de maneira individual durante o procedimento intravenoso das crianças que estavam hospitalizadas, utilizando-se de bonecos de pano. Os pesquisadores explicavam o procedimento à criança de maneira lúdica por meio do diálogo e, em seguida, permitiam que ela dramatizasse o procedimento, refazendo-o no boneco a fim de favorecer a sua compreensão sobre o que estava acontecendo naquele instante – terapia intravenosa. Foi visto que a utilização do brinquedo favoreceu o



entendimento das crianças sobre aquele procedimento e seus reais benefícios para saúde, também acarretando a redução dos níveis de ansiedade, medo, tensão, angústia e sofrimento apresentados pelas crianças.

Por sua vez, o estudo de Leôncio *et al.* (2022) traz a BH como sendo um dos espaços mais utilizados para a realização do brincar durante a hospitalização de crianças e adolescentes. Destaca seus benefícios ao longo do processo de internação, que possibilita a distração, o alívio de tensões, o preenchimento do tempo livre e a fuga da realidade vivenciada pelos enfermos, se configurando, nesse sentido, como estratégia de enfrentamento de uma realidade completamente adversa.

A proposição de atividades lúdicas ao longo do processo de hospitalização de crianças e adolescentes, segundo Rodrigues, Prodócimo e Simões (2019), se configura como estratégia que se mostrou efetiva para diminuir as vulnerabilidades emocionais advindas do processo de internação, sendo o medo e a ansiedade sentimentos recorrentes dessa condição.

Além do processo de hospitalização, a criança precisa lidar com as demandas e consequências de diversos tratamentos. Dentre eles, uma das principais modalidades de tratamento oncológico é a quimioterapia. Embora seja eficaz, a quimioterapia ocasiona a mudança de rotina da criança devido às frequentes internações, afastamento da família, do lar, da escola e de outras atividades sociais, tais como frequentar parques, clubes ou até mesmo de brincar livremente, seja sozinha ou com os amigos, além da mudança de hábitos alimentares.

Neste sentido, Sposito *et al.* (2018) realizaram um estudo com crianças entre 7 e 12 anos, visando compreender de que maneira o brincar pode ser utilizado como estratégia de enfrentamento do tratamento quimioterápico. Para isso, foi aplicada uma entrevista semiestruturada com as crianças que estavam hospitalizadas. Em seus discursos, os participantes relataram terem incômodo com a ociosidade enfrentada nas internações e com dificuldade de locomoção devido à necessidade de utilizarem os materiais clínicos, além da fadiga e mal-estar provocados pelo adoecimento e pelo tratamento da quimioterapia em si. Diante desse contexto, as crianças valorizaram a existência de brinquedos próprios do hospital e a BH, onde elas podem brincar, sendo um local diferente dos leitos e das salas de exames. Apesar de relatarem o fato de precisarem, na maioria das vezes, permanecer conectadas à bomba de infusão de medicamentos, o que limitava o acesso a estes locais, o brincar se configurou como estratégia eficaz para auxiliar crianças no enfrentamento da quimioterapia realizada em regime de internação.

Morais *et al.* (2018) também buscaram compreender, através da utilização de entrevistas, o brincar de crianças na faixa etária de 5 a 12 anos que estavam em

tratamento de quimioterapia há pelo menos 1 mês. Como resultado, os discursos revelaram a compreensão das crianças sobre sua doença e seu tratamento, evidenciando as privações vivenciadas por elas, tais como a privação da escola, a separação dos colegas, além das mudanças de hábitos alimentares. Segundo o relato das crianças, o brincar no ambulatório durante o processo quimioterápico trouxe sentimentos positivos, constituindo uma maneira de distração e fazendo com que o tempo da medicação passasse “mais rápido”. Logo, as autoras apontam que as brincadeiras no serviço de quimioterapia ambulatorial foram uma ferramenta viável e prazerosa, suscitando sentimentos bons, como felicidade, alegria e satisfação.

De fato, a criança com câncer vivencia situações difíceis, de risco ou proximidade da sua finitude em alguns casos, que também afeta aqueles que estão ao seu redor. Tem-se a perda da identidade e privações de diversas atividades sociais, inclusive a privação de brincar como quiser. Além disso, ela passa por procedimentos clínicos que, na maioria dos casos, são invasivos e dolorosos, torna-se uma situação de certa forma comum. Além disso, sofre com os efeitos fisiológicos que são atribuídos à toxicidade da quimioterapia, os quais vão exigir acompanhamento prolongado mesmo após a cura (Almeida, 2005).

Desse modo, o estudo de Dias (2013) aponta que o setor pediátrico lida também, diretamente, com crianças doentes que passam por um processo de hospitalização prolongado e potencialmente traumatizante. Logo, é necessário que o hospital ofereça a possibilidade de realização de atividades lúdicas, sendo a sala de recreação (brinquedoteca hospitalar) o ambiente criado para que essas atividades sejam desenvolvidas, estimulando o sentimento de segurança e de enfrentamento da doença pela criança. E assim, a partir da pesquisa realizada com as crianças na faixa etária de 6 a 10 anos, os autores consideraram que, ao brincar no hospital, as crianças conseguem alterar o ambiente em que se encontram, aproximando-se de sua realidade cotidiana no enfrentamento da doença, o que poderia ocasionar efeito positivo na sua recuperação, bem como o próprio brincar livre e desinteressado teria efeito terapêutico, já que auxilia na promoção do bem-estar das crianças.

Através do brincar a criança é capaz de expressar e transferir aos personagens da brincadeira os seus sentimentos, preferências, receios e hábitos, criando, dessa forma, um brincar de faz-de-conta. Assim, a brincadeira em si tem o potencial de exercer o papel de deixar a criança mais segura diante do ambiente estranho em que é obrigada a interagir com pessoas desconhecidas. E ainda, permite a expressão também pela comunicação não verbal, possibilitando uma mediação entre o contexto conhecido e esse novo ambiente imposto pela doença (Azevedo *et al.*, 2007).



Diante da exposição da criança frente a uma nova realidade (da hospitalização), torna-se necessário que a criança tenha um espaço que seja de seu domínio. No caso da BH, figura como um espaço convidativo para que a criança brinque ou, em outras palavras, “para que a criança seja criança”, consistindo em uma forma de se adaptar a essa nova condição – estar hospitalizada. Nesse cenário, o brincar seria visto como um momento que proporcionaria prazer e alegria à criança, além de resgatar a sua condição de “ser criança”.

O prazer que a brincadeira pode proporcionar à criança a estimula a tal ponto que permite que ela se descubra a si mesma e compreenda a realidade que faz parte de sua vida naquele momento. Assim, cada vez mais, o brincar em hospitais é entendido como atividade de continuidade no desenvolvimento da criança, mesmo estando na condição de hospitalizada. O brincar, nesse momento de internação, é capaz de incentivar a interação das crianças hospitalizadas com o ambiente e com outras crianças que se encontram na mesma condição, promovendo a resolução de conflitos, sejam eles externos, tal como aqueles que surgem durante as brincadeiras, quanto internos, que se originam por ocasião da doença. Com isso, ainda permite que a criança produza novos significados acerca do contexto hospitalar.

O estudo de Magalhães *et al.* (2012) buscou, através do brincar, conhecer o desenvolvimento de crianças de 4 a 6 anos pacientes do HRAC/USP, privadas de audição e que fazem uso do implante na cóclea há pelo menos 1 ano. Para atingir o objetivo da pesquisa, utilizou-se o Jogo Estruturado com Bonecos de Lynn (1989, adaptado por Pérez-Ramos), que apresenta diversas cenas lúdicas correspondentes às situações da rotina diária da criança. Segundo os autores, o J. E. B. L. traz em si pontos importantes para a sua aplicação, considerando que as crianças estavam livres para dramatizarem em cada cena apresentada pelos pesquisadores e as respostas obtidas sempre traduziam algo presente em suas realidades. Além disso, o J. E. B. L. serviu como um complemento para as limitações da linguagem verbal de crianças privadas de audição. E ainda, através do lúdico foi possível investigar o dia a dia das crianças, bem como os componentes que fazem parte da sua vida social e familiar.

Os resultados obtidos pela pesquisa de revisão integrativa realizada por Alves *et al.* (2016) trazem que os principais benefícios da brincadeira no ambiente hospitalar são: melhor compreensão das crianças quanto aos procedimentos clínicos, diminuição da percepção do sofrimento e melhor relacionamento com a equipe de profissionais do hospital. De outro lado, a fim de que a promoção do brincar durante a hospitalização das crianças ocorra de forma efetiva, as principais ações de gestão estratégica apontadas são: coordenação das atividades pelo gestor do hospital,

promoção de programas de capacitação e educação permanente dos profissionais e motivação do pessoal.

Os autores destacam, ainda, que para que a promoção do brincar ocorra de forma eficaz, não apenas os recursos financeiros são necessários. Além disso, é importante que a equipe profissional seja qualificada e treinada para o desenvolvimento das práticas lúdicas e reconheça o brincar como necessidade para as crianças hospitalizadas, considerando seus aspectos psicológicos, pedagógicos e sociológicos (Alves *et al.*, 2016).

O estudo de caso realizado em uma BH por Lopes, Oliveira Júnior, Oliveira (2015) buscou analisar o cotidiano de uma instituição hospitalar com atendimento a internação pediátrica. A pesquisa revelou que o espaço e o tempo do hospital são marcados por exigências clínicas e a existência da BH ainda passa por processo para ser totalmente aceita e reconhecida como parte pertencente ao processo de hospitalização das crianças. Também ressaltaram que não se encontrou apoio das famílias ao seu funcionamento, o que compromete a sua operacionalização e evidencia o não reconhecimento dos benefícios que a BH traz à criança e sua família. Além disso, no contexto pesquisado, a abertura da BH era limitada a apenas uma hora por dia, ocasionando sérias dificuldades para conciliar esse horário com o da medicação das crianças. Aliás, essa figurou como a principal justificativa para a rejeição da ida das crianças à BH, pois, segundo os profissionais da saúde, haveria o receio de perda do acesso venoso.

Apesar desse impasse, Lopes, Oliveira Júnior e Oliveira (2015) constataram em seu estudo que a equipe médica do hospital atribuiu à BH relevância para o bem estar emocional e físico das crianças. Tal apoio figurou como uma importante contribuição para o reconhecimento do destaque desse espaço e do tempo de brincar para a recuperação da saúde e a adesão ao tratamento. Essa situação remete à importância da posição dos sujeitos que atuam no cotidiano em questão para conseguir que ele se torne mais flexível e socializado.

Logo, pode-se considerar que, mesmo decorridos aproximadamente 17 anos da obrigatoriedade de implantação de BHs nos hospitais brasileiros que atendam crianças em regime de internação, a manutenção e instalação desses espaços ainda se encontra na fase de expansão. De um lado, na pesquisa de Alves *et al.* (2016) os resultados apresentam as estratégias de promoção do brincar em hospitais, que se traduzem em um entendimento mais amplo das necessidades das crianças. De outro lado, na pesquisa de Lopes, Oliveira Júnior e Oliveira (2015), é apresentada a resistência para o entendimento maior acerca da importância da BH no atendimento das crianças hospitalizadas.

Dessa forma, os hospitais, gradativamente, estão se adequando às imposições da legislação vigente, para que o espaço destinado às atividades do brincar no contexto hospitalar de fato aconteça. Isso porque, como Teixeira e Kishimoto (2021) apontam, as BHs carecem de condições adequadas no que diz respeito ao atendimento das necessidades da infância, além da necessidade de formação profissional como parte do tratamento das crianças hospitalizadas. Essa situação sinaliza, então, a demanda de ampliação do texto da Lei n. 11.104/2005 e a exigência integral do direito ao brincar da criança no hospital.

A pesquisa de Lopes, Oliveira Júnior e Oliveira (2015) e de Alves *et al.* (2016) apontam que a BH tem contribuído, através do livre brincar, no resgate de atividades que foram diminuídas no dia a dia da criança devido ao processo de internação, possibilitando uma experiência mais branda e, ao mesmo tempo, mais positiva diante do período da hospitalização. Nesse sentido, a BH se configura como espaço ideal para a criança hospitalizada expor seus sentimentos, uma vez que se trata de um ambiente propício para um entendimento mais amplo de sua condição clínica, além de promover a cooperação e partilha entre seus pares.

Assim, esse espaço, sendo pertencente ao hospital, é capaz de criar um clima especialmente lúdico, com o envolvimento das crianças que se encontram hospitalizadas entre si e seus familiares, contribuindo com a diminuição da dor e da angústia, o que pode contribuir para o aumento do seu bem-estar físico, psíquico e emocional. Entretanto, esses momentos só serão possíveis a partir do apoio dos profissionais responsáveis que realizam e organizam a dinâmica dos hospitais (Marinho *et al.*, 2011).

Silva e Cabral (2015) recordam que, após o diagnóstico do câncer infantil, em muitos casos ocorre uma total mudança nos cenários da criança, sobretudo a percepção que a criança passa a ter em relação às brincadeiras. O hospital assume o lugar central onde as crianças passarão a vivenciar diversas atividades sociais que comumente experimentariam fora do hospital e assim as crianças (re)descobrem o prazer de brincar.

Os autores apontam que, no ambiente da BH, a criança hospitalizada tem contato com brincadeiras que demandam menor esforço físico, como quebra-cabeças, games, jogos de mesa e desenhos. Portanto, as atividades são, em alguns casos, diferentes das que realizavam antes do adoecimento e que agora foram incorporadas no seu dia a dia. Dessa maneira, a criança passa a ter contato com novas brincadeiras, diferentes daquelas conhecidas antes do adoecimento, e consequente hospitalização, possibilitando o aprendizado de outras atividades, mantendo o seu pleno desenvolvimento.

Apesar dos benefícios do brincar para a criança com câncer (ou outra enfermidade), o impacto da doença e do tratamento leva à privação de diversas atividades, inclusive o próprio brincar no hospital. Isso significa dizer que, particularmente, as brincadeiras mais ativas fazem parte dessas restrições e, gradualmente, vão sendo extintas do seu dia a dia em decorrência da sua fragilidade clínica. Ainda assim, o espaço da BH proporciona oportunidades para interagir, a partir de uma logística, com brinquedos, jogos e computadores que propiciam diversas maneiras de brincar, garantindo, sobretudo, a interação social de crianças que vivem as mesmas condições de adoecimento.

Nas BHs percebe-se a possibilidade de reinventar a realidade do contexto hospitalar. Dessa forma, considerando o referido contexto como sendo algo repleto de angústias, pode se tornar, através das BHs, espaços mais acolhedores, oportunizando inclusive as situações de socialização e o próprio desenvolvimento das crianças, mesmo que estejam passando pelo processo de internação (Rodrigues; Prodócimo; Simões, 2019).

É inegável que a BH torna os momentos de internação mais brandos e amenos. Esse espaço tem como potencial fazer com que a criança esqueça, ainda que por um breve momento, suas enfermidades, fazendo com que retorne para uma rotina e interação social das quais se encontra privada naquele instante (Neuenfeldt *et al.*, 2021).

Vimos até aqui que as brincadeiras desenvolvidas pelas crianças hospitalizadas, surgem como ação que auxilia na superação das adversidades enfrentadas por elas no ambiente hospitalar, estabelecendo vínculos e maior abertura para diversas experiências que podem ser prazerosas, tornando, dessa forma, a hospitalização mais agradável e descontraída (Silva; Almeida, 2026).

Considerando que o brincar pertence à cultura corporal, torna-se fundamental pensar na atuação da educação física no ambiente hospitalar, uma vez que detém subsídios necessários para o desenvolvimento de práticas lúdicas como forma de atenuar os momentos de dor ou sofrimento através das brincadeiras, além de interpretá-las como conhecimentos construídos e significados pela cultura, vislumbrando, ainda, para uma interpretação crítica da realidade que envolve a criança hospitalizada (Rodrigues; Prodócimo, 2024).

Neste sentido, Betti (2009) destaca que a educação física atua na área de conhecimento e intervenção que lida com a cultura corporal de movimento, visando o transmitir o entendimento das práticas constitutivas com base em referenciais científicos. E, dessa forma, indo além do ensino do movimento repetitivo, buscando



intervir de maneira crítica mediante o processo de transmissão do conhecimento, valorizando e contextualizando os fatos e o resgate histórico da cultura.

Dessa forma, a partir da pesquisa de revisão realizada por Rodrigues, Prodócimo (2024), que buscaram verificar as práticas pedagógicas da educação física no contexto hospitalar, seria possível oportunizar às crianças os momentos para expressarem, através do seu corpo enfermo, os sentidos e significados contidos na realidade hospitalar na qual se encontram inseridas. Assim, a educação física poderia desenvolver um papel fundamental no que diz respeito à equipe multidisciplinar dos hospitais, uma vez que possui, em seu escopo curricular, aspectos fundamentais que garantiriam o atendimento mais brando e profundo para as crianças hospitalizadas.

Considerações finais

Haja vista que as crianças hospitalizadas passam a maior parte do tempo angustiadas pelo processo de internação, a BH torna-se um espaço de fuga desta realidade, ao mesmo tempo que é atrativa e, sobretudo, humanizadora, uma vez que neste espaço é permitido que a criança imagine um mundo bem diferente daquele ambiente hostil.

O brincar em hospitais pauta-se, sobretudo, pelo respeito aos direitos fundamentais, ratificando, inclusive, o direito à cidadania. Neste sentido, o presente estudo trata de uma situação específica, no caso, a possibilidade do desenvolvimento do brincar no contexto hospitalar, que, ainda, pode contribuir para o aprofundamento e ampliação das discussões sobre humanização em contextos diversificados, independentemente das circunstâncias.

Diante dos objetivos da pesquisa foi possível observar, a partir da revisão integrativa, que, embora as crianças estejam enfrentando o processo de internação, havendo a possibilidade, elas irão sempre buscar instantes de alegria por meio do brincar, isto é, apesar de estarem seguindo uma rotina repleta de exames clínicos, ou até mesmo procedimentos pós-cirúrgicos, é possível observar o desejo que as crianças têm de brincar, isto é, de se entregar para os momentos que possivelmente eram habituais no seu dia-a-dia, mas que após a hospitalização se tornaram menos comuns.

E ainda, buscando refletir sobre a possibilidade da educação física no ambiente hospitalar, foram apresentados alguns elementos que podem fundamentar e subsidiar seu desenvolvimento e atuação na equipe multidisciplinar dos hospitais, garantindo o atendimento mais brando para as crianças hospitalizadas, transformando as rotinas clínicas em momentos mais lúdicos e prazerosos.

Nessa perspectiva, é de grande importância expandir o olhar para as mais diversas formas de brincar que ocorre nos hospitais, encarando-o como componente

do processo de tratamento das crianças hospitalizadas, uma vez que possibilita toda ressignificação de sua condição através das brincadeiras ao mesmo tempo que suaviza o enfrentamento da doença.

Para isso, a BH deve se configurar como eixo fundamental para a hospitalização infantil que vai além de um simples “cantinho do brincar”, pois, se de um lado tem-se toda a rotina de consultas, exames, cirurgias, por outro lado haveria a garantia das necessidades das crianças, dentre as quais se encontram os momentos de se brincar de forma livre e autônoma.

Referências

ALMEIDA, Fabiane de Amorim. Lidando com a morte e o luto por meio do brincar: a criança com câncer no hospital. **Boletim de Psicologia**, São Paulo, v. 55, n. 123, p. 149-167, dez. 2005. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432005000200003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 24 ago. 2021.

ALVES, Jéssyca Fabiana *et al.* Promoção do Brincar: Ação de Gestão Estratégica no Enfrentamento da Hospitalização Infantil. **Gerais (Escola de Saúde Pública de Minas Gerais)**, v. 4, n. 1, p. 89-100, jan.-jun. 2016.

AZEVEDO, Dulcian Medeiros de *et al.* O brincar como instrumento terapêutico na visão da equipe de saúde. **Ciência, Cuidado e Saúde**, São Paulo, v. 6, n. 3, p. 335-341, jul./set. 2007.

BETTI, Mauro. **Educação Física escolar: ensino e pesquisa-ação**. 2. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2009.

BOTELHO, Louise Lira Roedel; CUNHA, Cristiano Castro de Almeida; MACEDO, Marcelo. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e Sociedade**, v. 5, n. 11, p. 121-136, 2011.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. 36 p.

BRASIL. Lei 11.104, de 21 de março de 2005. Dispõe sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação. **Diário Oficial da União: seção 1**, Brasília, DF, n. 55, p. 1, 23 mar. 2005. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/111104.htm. Acesso em: 17 jun. 2020.

COELHO, Hercules Pereira *et al.* Percepção da criança hospitalizada acerca do brinquedo terapêutico instrucional na terapia intravenosa. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 25, n. 3, 2021.

DIAS, Juciélma de Jesus *et al.* A experiência de crianças com câncer no processo de hospitalização e no brincar. **REME - Revista Mínima de Enfermagem**, v. 17, n. 3, p. 608-613, jul.-set. 2013.

FARIAS, Daniela Dutra *et al.* A hospitalização na perspectiva da criança: uma revisão integrativa. **Revista de Enfermagem da UFPE on line**, Recife, v. 11, n. 2, p. 703-711, fev. 2017.

GANONG, Lawrence H. Integrative reviews of nursing research. **Research in Nursing & Health**, v. 10, n. 1, p. 1-11, mar. 1987.

INVERNIZZI, Lisandra; VAZ, Alexandre Fernandez. Educação física nos primeiros anos do ensino fundamental: uma pesquisa sobre sua organização pedagógica em classe hospitalar. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 14, p. 115-132, 2008.

LEÔNCIO, Josly Santiago Martins *et al.* A perspectiva de crianças e adolescentes sobre brincar durante a hospitalização. **Revista do Instituto Brasileiro de Terapia Ocupacional**, v. 6, n. 4, p. 1295-1307, 2022.

LOPES, Bruna Alves; OLIVEIRA JUNIOR, Constantino Ribeiro de; OLIVEIRA, Vera Barros de. O brincar como instrumento de resgate do cotidiano da criança hospitalizada. **Boletim da Academia Paulista de Psicologia**, v. 35, n. 88, p. 93-108, 2015.

MAGALHÃES, Aracê Maria Magenta *et al.* O brincar para conhecer o desenvolvimento de crianças com implante coclear. **Boletim – Academia Paulista de Psicologia**, v. 32, n. 82, p. 160-190, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/134952>. Acesso em: 20 mar. 2023.

MARINHO, Jane Abrahão *et al.* **Brincar é coisa séria**. São Paulo: Secretaria Municipal da Saúde, 2011.

MORAIS, Gilvânia Smith da Nóbrega *et al.* Experiência existencial de crianças em tratamento quimioterápico sobre a importância do brincar. **Revista Rene**, Fortaleza, v. 19, e3359, 2018.

NEUENFELDT, Adriano Edo *et al.* As crianças brincam quando estão hospitalizadas? Algumas considerações sobre uma proposta desenvolvida em uma brinquedoteca hospitalar. **Revista Didática Sistemica**, v. 23, n. 2, p. 169-181, 2021.

PÉREZ-RAMOS, Aidyl Macedo de Queiroz. O ambiente na vida da criança hospitalizada. In: BOMTEMPO, Edda; ANTUNHA, Elsa Gonçalves; OLIVEIRA, Vera Barros de (Org.). **Brincando na escola, no hospital, na rua**. Rio de Janeiro: WAK, 2006. p. 75-110.

RODRIGUES, Júlio César. **Crianças brilhantes e o corpo fascinante: o imaginário do brincar em brinquedotecas hospitalares**. 180 p. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP, 2023.

RODRIGUES, Júlio César.; PRODÓCIMO, Elaine. Delineando uma proposta pedagógica para o ensino da Educação Física no contexto da Classe Hospitalar: entre possibilidades e desafios. **Temas em Educação Física Escolar**, v. 9, n. 1, p. e2404, 2024. Disponível em: <https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/temasemedfísicaescolar/article/view/4043>. Acesso em: 15 jul. 2024.

RODRIGUES, Júlio César. **O corpo entre o riso e o choro na classe hospitalar**. 2016. 94 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de Pós-

Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2016.

RODRIGUES, Júlio César; SIMÕES, Regina Maria Rovigati; PRODÓCIMO, Elaine. O lúdico no ambiente da classe hospitalar: um estudo de revisão. **REFACS**, Uberaba, MG, v. 7, n. 3, p. 390-400. Disponível em: <https://doi.org/10.18554/refacs.v7i3.3336>. Acesso em: 19 dez. 2021.

SILVA, Liliane Faria da; CABRAL, Ivone Evangelista. O resgate do prazer de brincar da criança com câncer no espaço hospitalar. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 68, n. 3, p. 391-397, jun. 2015.

SILVA, Milene Bartolomei; ALMEIDA, Ordália Alves. Brincar e Aprender em Hospitais: enfrentamento da doença na infância. **Revista Educativa - Revista de Educação**, Goiânia, Brasil, v. 19, n. 1, p. 33-51, 2016. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/article/view/5014>. Acesso em: 15 jul. 2024.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Integrative review: what is it? How to do it? **Einstein (São Paulo)**, v. 8, n. 1, p. 102-106, jan. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eins/a/ZQTBkVJZqcWrTT34cXLjtBx/?format=pdf&lang=en>. Acesso em: 15 jul. 2024.

SPOSITO, Amanda Mota Pacciullo *et al.* O melhor da hospitalização: contribuições do brincar para o enfrentamento da quimioterapia. **Avances em Enfermería**, Bogotá, v. 36, n. 3, p. 328-337, set.-dez. 2018. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-45002018000300328&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 14 fev. 2023.

TEIXEIRA, Sirlândia Reis de Oliveira. **Brinquedoteca hospitalar na cidade de São Paulo: exigências legais e a realidade**. 2018. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-14122018-100259/publico/SIRLANDIA_REIS_DE_OLIVEIRA_TEIXEIRA_rev.pdf. Acesso em: 10 out. 2023.

TEIXEIRA, Sirlândia Reis de Oliveira; KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Brinquedoteca hospitalar na cidade de São Paulo: humanização e assistência à saúde. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade – REED**, v. 2, n. 3, p. 263-286, jan.-mar. 2021.

Recebido em: 31/01/2024

Aprovado em: 19/03/2024

Publicado em: 31/08/2024